

HISTÓRIA DA ARTE E HISTÓRIA DA MODA: TRÂNSITO DE IMAGENS E TEORIAS NA PERSPECTIVA DO LIVRO *TRÊS SÉCULOS DE MODAS*

ART HISTORY AND FASHION HISTORY: TRANSIT OF IMAGES AND THEORIES ON A PERSPECTIVE FROM THE BOOK *TRÊS SÉCULOS DE MODAS*

Fernando Hage Soares / UFPA

RESUMO

Neste artigo são expostos os resultados preliminares da pesquisa de doutoramento em Artes na Universidade Federal do Pará (UFPA), cujo objeto de estudo é a obra *Três séculos de modas*, livro e exposição artística, trazido a público em Belém do Pará entre 1917 e 1923 pelo intelectual maranhense João Affonso do Nascimento (1855-1924). Para isso, são apresentadas algumas características da obra pioneira, com o propósito de discutir o uso de fontes visuais, do campo da arte, na disciplina história da moda em seu processo de surgimento, entendendo-a a partir das teorias da história da arte que concernem o "historicismo", o "estilo" e a "iconologia".

PALAVRAS-CHAVE: historiografia da moda; historiografia da arte; estilo; iconografia artística; iconologia.

ABSTRACT

*This article presents the preliminary results of the doctoral research in Arts at the Federal University of Pará (UFPA), whose object is the work *Três séculos de modas/Three centuries of fashions*, book and artistic exhibition brought to public in Belém, Pará, Brazil, by the intellectual João Affonso do Nascimento (1855-1924), between 1917 and 1923. Here, some characteristics of the pioneer work are presented, with the purpose of discussing the use of visual sources of the field of art in the discipline history of fashion on its process of emergence, understanding it from theories of art history that concern the "historicism," "style," and "iconology."*

KEYWORDS: *fashion history; art history; style; artistic iconography; iconology.*

Introdução

No decorrer da sociedade moderna, diversos livros de história da arte foram escritos e organizados com o intuito de apresentar, entreter, discutir e fazer pensar sobre os estilos, os processos, as técnicas e os sistemas visuais ou sociais da arte. De forma correlata, uma disciplina mais recente, a história da moda, também veio se articulando em torno não de obras de arte, e sim de peças de vestuário que, muitas vezes, entrecruzam-se com obras artísticas, pois são representadas nestas, ou dialogam em seus elementos estéticos. Nesse sentido, advém a associação de que disciplinas como a história da arte e a história da moda têm pontos de confluência.

No estudo das imagens, “é indiscutível que a história da arte, pela antiguidade e valor social dos seus objetos, possui uma clara anterioridade na matéria” (GERVEREAU, 2007, p.11). Enquanto esse campo “já era uma disciplina independente no século XIX” (SILVA, 2013, p.199), o mito da moda, como assunto fútil e efêmero, e, portanto, dispensável de análises aprofundadas, segundo Roland Barthes (2005), atrapalhou bastante o desenvolvimento acadêmico dos estudos nessa área. Assim, a história do vestuário dava seus primeiros passos acadêmicos a partir dos mil e oitocentos, saindo do lugar de assunto de entretenimento e exotismo que configurou a historiografia sobre trajes até o século XVIII, ganhando seus primeiros trabalhos, no Brasil, no Século XX.

Em 1923, é publicada em terras brasileiras uma obra pioneira de história da moda, o livro *Três séculos de modas*, escrito e ilustrado em Belém pelo jornalista, caricaturista e crítico de arte maranhense João Affonso do Nascimento, um importante intelectual da imprensa do limiar para o século XX do norte do Brasil.

Cabe ressaltar que neste artigo são apresentadas as primeiras análises da pesquisa de Doutorado em curso no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), cujo objetivo é o de realizar uma análise crítica do livro *Três séculos de modas*, envolta nas referências aos campos das artes presentes na obra, considerando também os métodos e os usos de fontes da história da Arte no cruzamento com o campo da moda e da disciplina história da Moda. Dessa forma, pretende-se, ao final desta pesquisa, ampliar a dimensão conceitual do conteúdo estabelecido na referida obra.

Nos próximos tópicos, deste artigo, serão apresentadas informações sobre a obra e o seu autor, para que, ao final da discussão, sejam traçados paralelos entre a disciplina história da arte e a disciplina história da moda. Para isso, autores como Hans Belting, Arthur Danto, Laurent Gervereau, além da teoria de Erwin Panofsky, subsidiam teoricamente a pesquisa.

Parte-se de pressuposto, aqui, que enquanto a disciplina história da moda começa a ganhar corpo no século XIX, a disciplina história da arte já era uma disciplina com percurso histórico amplo e com teorias, portanto, passíveis de analogias que ajudam no entendimento e reconhecimento dessa nova disciplina que é a história do vestuário. Como uma disciplina nova, a história da moda manterá certa proximidade com o campo da história da arte em seu processo formativo, como será descrito neste artigo.

O livro *Três séculos de modas e seu autor, a disciplina história da moda e suas fontes*

Autodidata, João Affonso do Nascimento terminou a sua carreira ao publicar o livro *Três séculos de modas*, em 1923, na capital paraense, um ano antes de seu falecimento. Nascido em 1855, em São Luís do Maranhão, filho de uma costureira e de um comerciante, em 69 anos de vida e 45 de carreira, a vontade de aprender e se expressar o levou a lugares como Belém, Manaus e Paris, onde ele pôde exercitar diversas facetas artísticas, tais como: desenhista, tradutor, escritor, crítico literário, teatrólogo, crítico de arte e historiador. Suas obras, muitas delas, foram publicadas na imprensa, principalmente das capitais maranhense e paraense, onde Affonso colaborou em mais de 17 publicações ao total (HAGE, 2010).

Agendado para a publicação em 1916, o livro *Três séculos de modas* surgiu primeiramente no formato de uma exposição artística sobre as mudanças do vestuário da data de fundação da cidade de Belém até então, de 1616 a 1916. A exposição aconteceu em 13 de Maio de 1917, no Salão de Honra da Associação de Imprensa, como descreve o artista Theodoro Braga no texto *A Arte no Pará 1888-1918: retrospectiva dos últimos trinta anos*, onde situa a ação de João Affonso no panorama artístico da capital, “com sua interessante exposição de aquarelas, régias e nanquins, reproduzindo todas elas três séculos de modas, feminina e masculina,

desde 1616 a 1916. [...] São ao todo 56 desenhos representando assim a evolução da moda, dentro desse ciclo de tempo” (BRAGA, 1919, p.42).

A exposição e o posterior livro fizeram parte das comemorações do tricentenário de fundação da cidade de Belém, organizada por uma comissão capitaneada pelo próprio Theodoro Braga – nesse momento um dos artistas mais expoentes da região – e da qual participava João Affonso entre outros intelectuais. A ele foi dada a encomenda para a produção do livro, a primeira publicação sobre história da moda produzida no Brasil, pioneira no sentido de articular múltiplas questões culturais que criam intersecções do campo das artes visuais, do teatro e da literatura com o campo da moda, que chegaria à livraria Tavares Cardoso & Cia. apenas em 1923.

No livro, que teve a sua segunda edição relançada em 1976, estão compiladas as reproduções dos 56 desenhos que formaram a exposição, distribuídos entre as 132 páginas do texto, sagaz e criativo, do autor, que discorre sobre os estilos históricos da moda entre os séculos XVII e o início do século XX. Para isso, foram utilizadas diversas referências textuais e imagéticas de fontes, como: livros, obras de arte, textos teatrais, entre outros, que perpassam o âmbito da história da arte e da história do vestuário e poderiam configurar-se também dentro de uma história cultural.

O livro de João Affonso é, em grande parte, atento às mudanças da moda e costumes de origem europeia durante os períodos estudados e a sua influência no Brasil, atendo-se exclusivamente aos traços do vestuário local no último capítulo da publicação, apresentando as personagens da *Preta Mina*, *Crioula do Maranhão* e *Mulata Paraense*.

Três séculos de modas pode ser lido, utilizando-se dos conceitos de Jeffrey Needell (1988) sobre as elites da *belle époque*, como um “implícito tributo ao processo civilizatório” (FIGUEIREDO, 2001, p. 30), sendo uma forma de reverenciar a história europeia que é parte de um fenômeno que envolvia o imaginário da elite econômica e intelectual da qual João Affonso fazia parte durante o período convencionalizado como *belle époque* amazônica, um momento de grande apogeu da economia da borracha na região na transição para o século XX, que tem no vestuário uma forma de expressão evidente.

Ao receber a proposta de escrever, para o tricentenário da cidade, um livro sobre as mudanças do vestuário, Affonso elaborou a sua própria forma de se fazer história, ao compilar diversos métodos e fontes com o intuito de criar “páginas despreziosas” aos seus leitores que fazem um diálogo entre imagem, arte e moda (AFFONSO, 1976, p. 23). Além disso, ele encontrou um meio de posicionar o universo da moda e do vestuário num contexto de exposição artística, também inovador, ao realizar a sua exibição em 1917.

Como evidencia o jornalista Murilo Menezes, em 1930, mais do que somente uma obra “fidedigna” sobre a história do vestuário, o livro *Três séculos de modas* “vinha confirmar os seus predicados de fino observador, espírito culto e viajado, e, sobretudo, como crítico de arte” (MENEZES, 1930).

Em seu livro, João Affonso faz descrições minuciosas de trajes, cores, aviamentos e acessórios que compõem determinados vestuários e exemplificam a moda dos períodos históricos abordados, acompanhados de desenhos ilustrativos, criados com diferentes técnicas artísticas, como aquarela e nanquim, e em conjunto com essas descrições, ou, muitas vezes, a partir delas, ele indica e correlaciona pinturas, personagens do teatro e da literatura, ao mesmo tempo em que exerce seu papel de crítico em torno de determinadas circunstâncias históricas e escolhas estéticas, sempre com um tom suave e bem humorado.

Publicado em 1923, o livro de João Affonso é pioneiro em seu país de origem, mas é possível dizer que foi publicado três séculos após os primeiros livros de trajes que deram início a esse campo de produção visual e textual. As obras pioneiras do campo do vestuário surgiram nos séculos XVI e XVII, em Florença, Veneza, Flandres etc. Uma das obras mais comentadas intitula-se *De gli habiti antichi et moderni di diverse parti del Mondo* (Veneza, 1590), de Cesare Vecellio. O livro é um exemplar de trajes com gravuras e descrições de diversas nacionalidades, cujo principal objetivo é fornecer informações de tom pitoresco para os leitores.

Não por acaso, o aparecimento dos livros de traje surgiu junto a uma das primeiras obras reconhecidas do campo da história da arte. De autoria de Giorgio Vasari, *Le vite de' più eccellenti architetti, pittori e scultori italiani da Cimabue insino a' tempi nostre* (1550-1568) é uma obra fundadora para esse campo de conhecimento, ao se

utilizar da biografia dos artistas expoentes do Renascimento e discutir a sucessão de estilos entre estes. Segundo Hans Belting (2012, p. 223), as “narrativas dos mestres [...] teria cumprido seus dois objetivos: de estabelecer solidamente em nossa cultura histórica a arte e em seguida a ciência desta”.

Assim como a “narrativa dos mestres”, de Vasari, estabeleceu uma cultura histórica da arte e “a ciência desta”, os livros de traje de Vecellio cumpriram seu papel em relação à difusão do vestir de diferentes culturas e momentos históricos, pois na visão de Aileen Ribeiro (1994, p. 5), os historiadores do traje desempenharam sua função em um “processo educativo”, apesar de, muitas vezes, ainda, atrelados ao universo pitoresco e exótico do vestuário de povos estrangeiros.

Esse tipo de publicação pitoresca do vestuário chega com sucesso ao século XIX, tendo, como exemplo, a expoente obra *Le costume historique*, de Albert Racinet, publicada em seis volumes no ano de 1888. A obra contém textos de tom curioso que dão suporte a um conjunto extenso de ilustrações.

Segundo a historiadora Aileen Ribeiro (1994, p.4), Racinet é “herdeiro de uma longa tradição de livros ilustrados de trajes [...] gênero que apareceu pela primeira vez na década de 1560 para satisfazer um desejo de informação sobre vestuário e costumes”. Mas, apesar do século XIX contar com uma “torrente de livros de trajes”, nas palavras de Ribeiro (1994), vale destacar o surgimento de obras que deram novos passos no estabelecimento da disciplina de história da moda, como é o caso da obra *La histoire du costume en France* (1875), de Jules Quicherat, que influenciou um movimento historiográfico denominado de “efeito Quicherat” pelo historiador Daniel Roche (2007).

Na primeira página de *Três séculos de modas*, João Affonso cita que um conspícuo historiador diria que “[...] a história do vestuário, no seu conjunto, é uma das faces da história do homem toda inteira; é a história da civilização e da sociedade humana” (AFFONSO, 1976, p. 23). Essa é tradução do autor da primeira frase do livro de Ary Renan, *Le costume in France*, lançado em 1879, que consta na bibliografia do livro paraense, autor considerado um discípulo de Jules Quicherat.

Na visão de Roche (2007, p. 38), ao criar sua obra, Quicherat teve três principais objetivos: “[...] ser útil aos artistas, afirmar o papel das imagens e abrir novos caminhos para a história dos costumes”. Segundo Roche (2007, p. 38), o autor também tinha a preocupação “[...] em sugerir obras que os artistas pudessem consultar, e publicou numerosas ilustrações”. Todas essas características também se encontram presentes na obra do intelectual maranhense.

A obra de Quicherat ficaria mundialmente conhecida por se tratar de uma nova abordagem que fugia do caráter pitoresco dos livros de traje, utilizando como fonte, para a historiografia do vestuário, dados retirados de materiais arqueológicos e principalmente iconográficos, como: pinturas, gravuras e esculturas, como é o caso do trabalho de João Affonso, que não tinha acesso aos acervos arqueológicos ou museológicos de vestuários e, por isso, trabalhou de forma extensa com a iconografia que mapeou para construir suas imagens e fazer suas descrições e análises. Ou seja, nesse universo que abarca Quicherat e Affonso, o campo da história da moda organiza-se atrelado ao universo da arte e da imagem, utilizando-a como referência, assim como, fazendo do vestuário histórico uma informação a ser considerada pelos artistas no processo criativo.

São informadas na Bibliografia – de *Três séculos de modas* – um total de 60 obras, sendo 33 livros e 27 publicações entre revistas e periódicos, com 18 exemplares de origem brasileira. Pinturas, romances, peças teatrais, livros de memórias, livros de caricatura e desenho, livros de arte e periódicos de moda formam as fontes citadas por João Affonso não só na bibliografia, mas por toda a obra, visto que alguns autores e obras artísticas citados no texto não se encontram nas referências.

Ao se recorrer a uma divisão temática prévia dos livros citados na bibliografia de *Três séculos de modas*, é possível agrupar as referências aos seguintes temas (ordenados por quantidade de citações): **história francesa** (17); **textos teatrais** (3); **livros de memórias** (2); **livros de arte e vestuário** (2); **literatura francesa** (2); **volumes publicados por bibliotecas** (2); **publicações com ilustrações de moda** (2); **publicações de caricatura/desenho** (2); e **livros de ciência** (1).

É possível encontrar, por exemplo, nas fontes de sua bibliografia, textos teatrais, tais como: *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand (1857); *La fille de Madame Angot*,

de Clairville, Siraudin e Victor Koning (1852); e a obra completa de Molière, *Théâtre Complet*, de onde o autor retirou personagens e as suas personalidades para ilustrar determinadas épocas. Mediante a bibliografia do livro, verifica-se, portanto, o caráter inovador de Affonso na escrita da história da moda, mas ainda é necessária uma pesquisa aprofundada sobre as fontes dentro dessa escrita, e não somente em sua bibliografia.

No texto encontra-se um número extenso também de exemplos no campo da pintura, como exemplo, no século XVII, quando o intelectual recorre ao *Retrato de Carlos I*, do artista Antoon (Anthony) Van Dyck (c.1635), para descrever as características do um rosto masculino, ou quando, ao tratar do século XVIII, cita os pintores François Boucher, Georges de La Tour e Jean-Baptiste-Siméon Chardin e escultores como Claude Michel (Clodion) e Jean-Baptiste Pigalle, apenas para ilustração.

O uso de imagens como os quadros e as caricaturas como fonte histórica para a descrição de trajes aponta também o autor como um pioneiro em um tipo de estudo que só se torna popular a partir do surgimento da chamada “Nova História” do século XX, quando “obras de arte ganharam status de documentos representativos dos contextos históricos de seus autores”, tendo a iconografia, assim como o vestuário, se tornado “fonte privilegiada para o estudo das mentalidades e dos costumes” (SILVA, 2013, p.199).

Tudo isso demonstra o olhar vanguardista de João Affonso em relação ao tema e a abordagem interdisciplinar de sua obra, assim como demonstra que a história do vestuário, em si, possui um caráter inovador no campo historiográfico, visto que já nasce, em alguns sentidos, atrelada à imagem e ao campo da arte. Por isso, torna-se importante, aqui, tratar a história da moda aos olhos da teoria da história da arte.

A tendência historicista, o estilo e a análise do conteúdo na disciplina história da moda

Convencionou-se entre teóricos, como: Danto, Belting ou Gervereau que a história da arte moderna tem como origem o trabalho de Giorgio Vasari e as suas “narrativas dos mestres”, mas há também o destaque ao trabalho do alemão Johann Winckelmann em *Storia dell'arte nell'antichità* (1764), a quem se atribui o surgimento

de uma “história da arte periodizada” por intermédio da sucessão de estilos (GERVEREAU, 2007, p.17).

Com *Storia dell'arte nell'antichità* (1764), Winckelmann propôs-se instruir ‘sobre a variação do estilo consoante os povos, as épocas e os artistas’ [...] ou seja, trata-se de estudar o estilo próprio dos Egípcios, dos Etruscos, dos Gregos, as ‘propriedades e características’ da arte de cada povo, mas também de evidenciar que cada evolução da arte passa por fases diferenciadas, e recorrentes, de crescimento, perfeição, decadência e esterilidade (CARCHIA; D'ANGELO, 2003, p.119).

Baseado nessas duas perspectivas historiográficas da arte pretende-se, a seguir, entender características da formação da disciplina história da moda.

Segundo Giulio Argan, essas duas vertentes se tornam as principais tendências no estudo sobre a arte: uma “historicista, evidenciando personalidades históricas”; e outra “essencialmente científica, para qual a obra é puro fenômeno e documento visual, do qual é relativamente pouco importante estabelecer não só a paternidade como a qualidade artística” (ARGAN, 1995, p.144). Assim, é possível entendê-las, então, sob a classificação de Carchia e D'Angelo (2003, p. 177), como uma “história dos artistas” e uma “história do estilo”.

Na verdade, segundo Carchia e D'Angelo (2003), todo o contexto de formação da história da arte tem a ver com a questão do estilo, pois na história dos artistas fala-se de um estilo individual, próprio dos grandes mestres, enquanto no estudo evolutivo dos estilos fala-se em um estilo coletivo, dominante em relação a grupos e contextos históricos. A essas duas tendências, cada um dos dois autores já citados, Vasari e Winckelmann, têm seu lugar de influência (GERVEREAU, 2007; CARCHIA; D'ANGELO, 2003). E é nesse contexto que também se forma a disciplina história da moda que se ‘contamina’ por algumas dessas questões.

A primeira vertente, o historicismo, implantado por Vasari, ganha força no século XIX junto à chamada “história pedagógica”, uma “história geralmente reduzida a uma sucessão de acontecimentos, que a conduz à história política” (GERVEREAU, 2007, p.35), envolvida por grandes homens e grandes feitos, e serve de leitura para a história do vestuário.

A perspectiva historicista em si é importante dentro da metodologia de escrita da história do vestuário, pois grandes figuras e momentos históricos são pontuais para a contextualização de peças e até a denominação de alguns trajes. Nesse sentido, a obra de João Affonso do Nascimento é um exemplo fiel a este contexto, pois esta se atém principalmente aos grandes homens e mulheres da história europeia, como: Luís XIV, Maria Antonieta, Napoleão, Imperatriz Eugênia, Rainha Vitória, exemplificações das relações de poder e influência no universo da Moda, utilizando-se para isso, muitas vezes, de textos biográficos como fonte.

Ao mesmo tempo em que a questão historicista tem a sua importância, é inegável o lugar o estilo dentro do campo da história da moda, pois como comentam Carchia e D'Angelo (2003, p. 243), uma das principais características da moda seria a sua “universalidade dos critérios de gosto característicos de uma comunidade estética”, ou seja, o seu lado coletivo e universal, assim como é o estilo.

Nessa segunda vertente, a partir de um olhar científicista, que analisa a evolução das formas e das técnicas, tem-se na história do vestuário a questão da evolução dos estilos e ornamentos como algo pertinente nos estudos da área, e também podem ser lidos a partir das teorias da história da arte.

Sobre essa tessitura, vale destacar as contribuições metodológicas da Escola de Viena nesse processo de analogia e comparações. Diferente das escolas francesas e inglesas do estudo dos trajes, é de locais como a Áustria que surgirão grandes teóricos da história da arte. Em 1893, Alois Riegl publicou seus primeiros escritos sobre ornamentação, um tema até então pouco considerado (GERVEREAU, 2007, p.19). Vale citar que consta, na bibliografia de João Affonso, a obra do crítico de arte francês Charles Blanc (1813-1882), intitulada *L'Art dans la parure et dans le vêtement/A arte através do ornamento e através da vestimenta* de 1877, que apresenta a questão do ornamento.

Segundo Arthur Danto (2006, p. 67), Alois Riegl surgiu com a “idéia (sic) de que o ornamento tem uma história, e ao fazê-lo, revela como o conceito de ter uma história foi compreendido no século XIX, nos círculos intelectuais ligados à história da arte”.

Na análise de Danto (2006, p. 68), a concepção de Riegl estava relacionada com uma “interpretação materialista das origens da arte” que “vê o ornamento sobretudo como decoração de superfícies”, mas que continha em si uma problemática, e Riegl, ao invés de propor uma história do ornamento em si, terminou por criar a concepção de que há um “desenvolvimento progressivo” nos estilos ornamentais, “o que significa, como na pintura, que os últimos estágios na sucessão de estilos ornamentais vão além dos estágios iniciais para atingir os mesmos objetivos artísticos, e os estágios iniciais entram na explicação dos últimos”.

Essa é uma das formas como também se constrói a disciplina história da moda, por intermédio da proposição do desenvolvimento progressivo dos estilos ornamentais e, nesse contexto, no caso de João Affonso, com um olhar atrelado à pintura. A vertente cientificista no estudo dos estilos conta também com a contribuição de Heinrich Wölfflin, em sua obra *Conceitos fundamentais de história da arte* (1915). Segundo Hans Belting (2012, p. 244), nessa obra, ele busca, por intermédio da organização de categorias, a concepção de uma “história estilística”, ou seja, pontuada por uma visão de estilos que se manifestam de forma coletiva.

O próprio Wölfflin (2015, p. 13) define que se “concebe o estilo sobretudo como expressão, expressão do espírito de uma época, de uma nação”. Junta-se ao pensamento sobre o estilo, concepções como as do filósofo Hegel, que “atribui a cada período da História um ‘espírito’ que produz um ‘estilo’”, ou do sociólogo Hippolyte Taine quando afirma que “o estilo é resultado das condições sociológicas da época” (GERVEREAU, 2007, p.18).

Assim como, nas palavras de Wölfflin (2015, p. 15), o estilo também pode ser “expressão de um temperamento individual”, sendo que, na verdade, a constituição desse conceito é a legitimação de algo enquanto detentor de um “estilo”, sejam pessoas, formas ou escolas. Arthur Danto (2006, p. 51) comenta essa questão quando afirma que “um estilo é um conjunto de propriedades compartilhadas em um conjunto de obras de arte, mas que também é utilizado para definir, filosoficamente, o que deve ser um trabalho de arte”.

Dessa maneira, no campo da moda, os detentores do “estilo” são os personagens principais para a construção histórica da disciplina, e a evolução das formas ou o

desenvolvimento progressivo de estilos é parte constituinte do processo descritivo do vestuário. Como faz João Affonso (1976), procura-se então o destacável, a legitimação do que se deve ser entendido como personagem ou evento de moda, direcionado pelos grandes atores da história política, cultural e social dos períodos históricos estudados, mas também sem deixar de lado a descrição das formas e composições que representam os “estilos coletivos” dos quais participam esses “estilos individuais”.

Sobre os níveis de conteúdo, presentes na teoria da história da arte, para finalizar este artigo, são consideradas as contribuições de Erwin Panofsky, no trabalho *O Significado nas Artes Visuais* (1955), trazendo à tona os conceitos de iconologia e crítica de imagem, apresentando uma história da arte como uma “história dos sintomas culturais”, que “interrogava conteúdos em vez de obras” (BELTING, 2012, p. 250-252), cujas abordagens foram cunhadas teoricamente pelo historiador da arte Aby Warburg, da qual se considera-se Panofsky um discípulo (GERVEREAU, 2007; CARCHIA; D’ANGELO, 2003).

Seguindo a teoria de Panofsky (2014), apontada no texto *Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença* (1939), é possível definir três níveis de temas ou significados nas artes visuais, sendo eles formas de abordagem sobre o objeto artístico que também servem de modelo para o estudo da história do vestuário.

Em primeira instância, ou como “tema primário”, tem-se o “mundo dos motivos artísticos”, interpretados a partir de experiência práticas, formando, assim, uma “história dos estilos”, ou seja, a “compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, objetos e eventos foram expressos pelas formas”. Como tema secundário, têm-se o “mundo das imagens, histórias e movimentos”, formados pela combinação de motivos que, interpretados pelo conhecimento a partir de fontes literárias, forma, então, uma “história dos tipos”, que seria a “compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos” (PANOFSKY, 2014, p. 65).

Por fim, chega-se ao “significado intrínseco ou conteúdo”, objeto da interpretação iconológica. Interpretado a partir da “intuição sintética (familiaridade com as

tendências essenciais da mente humana)”, o mundo dos “valores simbólicos” forma uma “história dos sintomas culturais”, que ocorre pela “compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, tendências essenciais da mente humana foram expressas por temas e conceitos específicos” (PANOFSKY, 2014, p. 65). Segundo Panofsky (2014, p.62), “a interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através das fontes literárias”.

Na visão do autor, pode-se imaginar que se trata de “três esferas independentes de significado”, mas que “na realidade se referem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, à obra de arte como um todo” (PANOFSKY, 2014, p.64). São, então, “três operações de pesquisa” que não são independentes e servem como interessantes parâmetros de entendimento e análise da disciplina história da moda, que pode ter o vestuário e os seus acessórios, pensados em seus estilos, tipos e significados intrínsecos.

Assim, no tema primário seriam os estilos de vestuário e os seus motivos, o campo de interesse, onde o objeto vestuário, ‘sob diferentes condições históricas’, é expresso por sua forma; no tema secundário, entendem-se os temas ou conceitos que foram expressos nos objetos do vestuário, interpretados com o uso de fontes históricas; e no nível de conteúdo, as tendências essenciais da mente humana são expressas por temas e conceitos que, no caso da moda, é possível ter, como exemplo, conceitos, como: elegância, nobreza, feminilidade, virilidade, entre tantos outros, temas esses subjetivos e que trazem a relação da iconologia com áreas, como: a psicologia, a antropologia etc.

A constituição da disciplina, pensada localmente por João Affonso no livro *Três séculos de modas*, traz os três níveis de conteúdos a serem analisados. Os mais notáveis, sem dúvida, dizem respeito a proposições de história de estilos e história dos tipos, mas é inegável também que há por trás certo juízo de valor, em torno da Moda, um olhar para uma história dos sintomas culturais, mas deve-se entender que esse tipo de proposição ainda não era tão forte na escola cientificista que dominava a intelectualidade do grupo social da qual Affonso pertencia.

Segundo Gervereau (2007, p.24), os historiados de arte contemporâneos encontram-se em um encruzilhada entre diversos campos de conhecimento, mas possuem um objetivo importante: “compreender o que é uma obra de arte e como funciona este fenômeno de seleção dos ‘faróis culturais’”. Nesse sentido, cabe também aos historiadores da moda – contemporâneos – compreender o que é uma obra de vestuário da moda e como funciona esse fenômeno de seleção dos ‘faróis da moda’, entendendo, assim, como a iconologia pode ajudar em novos percursos para a disciplina, em sua linha de pesquisa voltada à imagem.

Considerações finais

Pensando a moda como uma manifestação de cunho estético e simbólico, não há porque de se estranhar que seu escopo seja passível de um olhar com enfoque nas teorias da história da arte apresentadas até aqui, ainda quando se pensa que são os próprios historiadores e críticos de arte os primeiros escritores da história do vestuário, assim como foi João Affonso.

Entre muitas leituras possíveis da obra *Três séculos de modas* e da disciplina que se inaugura no Brasil com esta, é possível chegar até momento, afirmando o caráter “historicista” e “estilístico”, presente na construção da disciplina história da moda que, ao se conectar a teoria de Panofsky (2014), abre caminhos pertinentes para definir a história da moda enquanto **história dos estilos**, **história dos tipos** e também **história dos sintomas culturais**, todos os conceitos, pensados a partir de uma análise prévia da obra *Três séculos de modas*.

É possível afirmar que o fenômeno da moda é em si um “sintoma cultural” que ativa, portanto, as relações entre estilos e tipos, expressos em objetos de vestuário e apresentados, principalmente, por meio de imagens, assim como de textos que evocam imagens, como é o caso, por exemplo, do uso das fontes no trabalho de João Affonso.

A obra *Três séculos de modas*, publicada em 1923, se encontra cronologicamente, no que tange à historiografia da Arte, após a difusão dos conceitos sobre a questão do ornamento e dos estilos, e no que tange à historiografia da Moda, após as obras citadas do século XIX de Racinet e Quicherat. O seu “estilo” de escrita – utilizando-se de um dos termos discutidos neste artigo e de onde o termo estilo é originário –

trouxe formas de apresentação da história do vestuário que serão encontradas em trabalhos que darão continuidade a disciplina, como os de James Laver e François Boucher, na segunda metade do século XX, pois mantêm uma tradição em relação ao uso de obras de arte como fonte iconográfica (VIANA, 2017), assim como oferecem temas secundários e conteúdos de abordagem iconológica.

O estudo da imagem, na história da arte e na história da moda, ganhará, ao longo das décadas do século XX, reforço semiológico, museológico e histórico, mas essas bases de formação da disciplina, aqui discutidas, apresentaram apontamentos para análise do livro *Três séculos de modas* e da disciplina história da moda em seu processo formativo, esta que ainda encontra-se em “um debate em suspenso”, utilizando-se de um termo de Laurent Gervereau (2007, p. 33), ao comentar a questão do estudo da imagem na história, estudo esse o qual a história da moda é senão uma herdeira.

Referências

- AFFONSO, João. *Três séculos de modas*. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976. (Coleção Cultura Paraense – Série Ignácio Moura).
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte e crítica da arte*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- BARTHES, Roland. *Inéditos: imagem e moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v.3.
- BELTING, Hans. *O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BRAGA, Theodoro Braga. *A arte no Pará 1888-1918: retrospectiva dos últimos trinta anos*. Belém: Diário Oficial do Estado do Pará, 1919.
- CARCHIA, Gianni; D'ANGELO, Paolo. *Dicionário de estética*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- DANTO, Arthur. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- FIGUEIREDO, Aldrin. *Eternos modernos: uma história social da arte da literatura na Amazônia (1908-1929)*. 2001. 315 f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- GERVEREAU, Laurent. *Ver, compreender, analisar as imagens*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- HAGE, Fernando. *João Affonso (1855-1924): entre palavras, desenhos, costumes e modas*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte). Centro Universitário Senac – São Paulo, São Paulo, 2010.
- MENEZES, Murilo. João Affonso do Nascimento – Palavras de Saudade. *Folha do Norte*, Belém, 1 de jan.1930. Não paginado. (Acervo Biblioteca Arthur Vianna).
- NEEDEL, Jeffrey. A ascensão do fetichismo consumista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.3, n. 8, p. 39-58, out.1988.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RIBEIRO, Aileen. Introdução. In: RACINET, Albert. *Enciclopédia histórica do traje*. Lisboa: Replicação, 1994. p. 4-7.
- ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. Tradução de Assef Kfoury. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2013.

VIANA, Fausto. *Para documentar a moda: de James Laver às blogueiras fashion*. São Paulo: Edusp, 2017.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente*. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

Fernando Hage Soares

Doutorando em Artes pela Universidade Federal do Pará; Mestre em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário Senac/SP; Bacharel em Design pela Universidade Estadual do Pará; formação em Figurino pela Bournemouth University (Inglaterra). Professor e coordenador do curso de Bacharelado em Moda na Universidade da Amazônia (Belém). Têm textos publicados no livro *História e cultura de moda* (2011) e na *Revista Dobras* (n.13, 2013). <fernandohage.weebly.com>.